MEIO AMBIENTE

O recado de Marina no impasse com Petrobras

Após Lula afirmar não ver problema na exploração de petróleo no Rio Amazonas, ministra diz ser ingratidão destruir "presente de Deus"

» TAINÁ ANDRADE

Um dia depois de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmar que acha difícil haver impactos com a eventual exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, enfatizou que destruir um "presente de Deus" é uma "ingratidão com o criador". As declarações foram dadas na abertura da Semana Laudato Si, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Conforme discursou Marina, as "pessoas mais vulneráveis" são vítimas das "piores consequências dos nossos atos". Ela também relembrou o compromisso assumido pelo presidente Lula de proteger os indígenas e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Marina reproduziu no Twitter trechos de sua participação no evento da CNBB. "É muita contradição dizer que ama o criador e desrespeitar a criação, dizer que ama o criador e destruir a criação", escreveu. A ministra trava uma disputa com o titular da pasta de Minas e Energia, Alexandre Silveira, que apoia o projeto da Petrobras na Região Norte.

Na viagem ao Japão, encerrada ontem, Lula comentou sobre o imbróglio que envolve os dois ministros. Sem se posicionar, ele disse que analisará a questão quando chegar ao país, mas adiantou que "acha difícil" a exploração petrolífera na Margem Equatorial brasileira causar danos ao meio ambiente.

A petroleira solicitava uma perfuração marítima no bloco FZA-M-59, em Amapá Águas Profundas, localizado na bacia da foz do Amazonas. "Se explorar esse petróleo tiver problemas para a Amazônia, certamente não será explorado. Mas eu acho difícil, porque fica a 530km de distância da Amazônia. Mas eu só posso saber quando eu chegar lá (ao Brasil)", disse a jornalistas.

A declaração corrobora a nota divulgada, na semana passada, pela Petrobras. A empresa destacou que a perfuração ocorreria a 175km da costa do Amapá e a mais de 500km de distância da foz do Rio Amazonas.

A estatal também frisou que o plano de emergência para a área foi considerado "robusto" e "alinhado com as solicitações da equipe técnica" do próprio Ibama. Ainda assim, o órgão de fiscalização negou o pedido de liberação para estudo do subsolo, sob a alegação de que havia um "conjunto de inconsistências técnicas".

O retorno de Lula tem sido aguardado pela bancada do Amapá no Congresso, que defende veementemente o projeto. Na análise de parlamentares, é uma oportunidade de desenvolvimento para diversos municípios da região litorânea e para o povo amapaense — que tem um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do país.

O ministro Alexandre Silveira também aguarda a arbitragem do presidente a respeito do assunto. Antes da decisão do Ibama, ele defendeu a concessão do licenciamento e sustentou que o pretexto de um "pseudorrisco" não poderia impedir a prospecção para que se tenha "conhecimento científico das potencialidades e riquezas naturais".

Um dos argumentos para **negativa** do Ibama à Petrobras é justamente o complexo ecossistema que há na região. Extremamente sensível, o local possui Unidades de Conservação (UCs), Terras Indígenas (TIs), mangues, formações biogênicas de organismos e animais ameaçados de extinção, como boto-cinza, boto-vermelho, cachalote, baleia-fin, peixe-boi-marinho, peixe-boi-amazônico e tracajá. (**Com Agência Estado**)

CNBB/Divulção



A ministra Marina Silva participou da abertura da Semana Laudato Si, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

> **Quem são as pessoas mais atingidas pelas mudanças climáticas? São as pessoas mais pobres (...). É sobre as pessoas mais vulneráveis que recaem as piores consequências dos nossos atos"**
>
> ***Marina Silva,*** *ministra do Meio Ambiente*

Críticas

Na esfera política, a decisão do Ibama, que é subordinado ao ministério de Marina Silva, foi alvo de críticas do senador Randolfe Rodrigues (sem partido/AP). Ele anunciou, em seguida, que estava se desfiliando da Rede Sustentabilidade, partido ao qual a ministra pertence.

Chanceler visita Brasil

» RENATO SOUZA

O ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, James Cleverly, visita o Brasil, nesta semana, e cumprirá uma agenda focada em acordos bilaterais e em medidas ambientais, com foco na proteção da Amazônia. O cronograma inclui viagem ao Amazonas e a Brasília, onde deve se encontrar com autoridades do governo.

O Brasil será o último país da agenda na América Latina, após uma sequência de visitas a três nações. Cleverly esteve na Jamaica e tem encontros marcados no Chile e na Colômbia.

O envio do chanceler pelo governo do Reino Unido ocorre após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva participar da coroação do Rei Charles III. Na ida do chefe do Executivo brasileiro ao país, o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, anunciou a doação de R$ 500 milhões para o Fundo Amazônia.

Tentativa

Fontes no governo consultadas pelo **Correio** afirmam que, a princípio, Cleverly não deve se encontrar com Lula. O presidente chega hoje do Japão, onde participou da cúpula do G7, e vai descansar no Palácio da Alvorada.

A Embaixada do Reino Unido tenta um encontro, mas até o momento a tendência é de que não ocorra. Existe a possibilidade de que Lula se reunir com embaixadores amanhã, o que possibilitaria a presença do ministro britânico. A decisão será tomada pelo presidente ao retornar da viagem.

A agenda do chanceler no Brasil foi organizada na última semana, em reuniões entre integrantes do governo e representantes da Embaixada do Reino Unido. Caso o encontro com o chefe do Executivo não seja viável, a alternativa estudada é uma reunião de Cleverly com o vice-presidente Geraldo Alckmin.

Por florestas, indígenas pedem apoio a Portugal

» VICENTE NUNES
Correspondente

Lisboa — Representantes de indígenas, liderados por Tapi Yalawapiti, presidente honorário da AFV Rainforest Organization, fundada pelo cacique Raoni, fizeram um périplo por Portugal em busca de apoio financeiro para projetos que visem a proteção do Parque Nacional do Xingu e de outras áreas demarcadas pelo governo. Eles se encontraram com o presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa, que se comprometeu a abrir portas para possíveis doações.

São muitos os projetos de interesse dos indígenas, que têm lutado, sistematicamente, contra a invasão de suas terras, a contaminação dos rios e a destruição da floresta. O relato feito por eles ao líder português foi preocupante, sobretudo depois do descaso em relação aos povos originários durante o governo de Jair Bolsonaro. A falta de apoio do ex-presidente às questões indígenas virou munição para agentes do crime que ameaçam as áreas de proteção.

> **Fizemos várias reuniões e, em todas, houve uma receptividade muito boa em relação às pautas detalhadas pelos indígenas"**
>
> ***Raimundo Carreiro,*** *embaixador do Brasil em Portugal*

Ciente dos problemas, Rebelo de Sousa convocou o embaixador do Brasil em Portugal, Raimundo Carreiro, para que ajude no processo de atração de parceiros para a fundação comandada por Raoni. Segundo Carreiro, o presidente luso lhe recomendou que procurasse pessoalmente o chefe do Centro Ismaili em Lisboa, Nazin Ahmad, e o embaixador do Kwait no país europeu, Hamad Ali Alhazeem, para apresentar as propostas dos indígenas.

"Fizemos várias reuniões e, em todas, houve uma receptividade muito boa em relação às pautas detalhadas pelos indígenas", disse o embaixador brasileiro. Ele assinalou que tanto Ahmad quanto Alhazeem pediram aos indígenas que apresentem projetos formais para serem analisados e apoiados. Ficou claro, em todos os encontros, que os povos originários são peças centrais na proteção da Floresta Amazônica, que está sob ameaça, ante o aumento do desmatamento.

Divulgação



O presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, recebeu indígenas brasileiros em Lisboa